



# Entre o encanto e a decepção: as faces do Brasil nos contos cabo-verdianos “O sonho do senhor JB”, de José Vicente Lopes, e “Se no céu vires uma estrela”, de João Rodrigues

Érica Antunes Pereira

Universidade de São Paulo

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

**PALAVRAS-CHAVE:** LITERATURA CABO-VERDIANA, CONTO, IMAGENS DO BRASIL.

**KEYWORDS:** CAPE VERDEAN LITERATURE, SHORT STORY, IMAGES OF BRAZIL.

1. No ensaio *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: apontamentos lidos ao microfone de Rádio Barlavento*, publicado em 1956, Baltasar Lopes apresenta uma série de falhas nas interpretações do antropólogo brasileiro a respeito de Cabo Verde, oriundas de sua visita ao arquipélago durante o mês de outubro de 1951 e presentes nas obras *Aventura e Rotina* (1954) e *Um brasileiro em terras portuguesas* (1954).

Para embasar tal procedimento, o autor cabo-verdiano inicia seu texto invocando as identificações encontradas, naquela altura há cerca de vinte anos, por um grupo reduzido de amigos (estes, em 1936, fundariam a revista *Claridade*), entre a cultura de Cabo Verde e a literatura brasileira e que, por consequência, acreditavam extensíveis à estrutura social, como podemos comprovar na seguinte passagem:

Ora aconteceu que por aquelas alturas nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas em sistema de empréstimo, alguns livros que considerámos essenciais *pro domo nostra*. Na ficção, o José Lins do Rego do “Menino de Engenho” e do “Banguê”, o Jorge Amado do “Jubiabá” e do “Mar Morto”; o Amando Fontes d’“Os Corumbas”, o Marques Rebelo do “Caso de Mentira”, que conhecemos por Ribeiro Couto; em poesia, foi um “alumbramento” a “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira, que, salvo um ou outro pormenor, eu visualizava, com as suas figuras dramáticas, na minha Vila da Ribeira Brava. [...] em poesia, outro deslumbramento foi Jorge de Lima [...] Esta ficção e esta poesia revelava-nos um ambiente, tipos, estilos, formas de comportamento, defeitos, virtudes, atitudes perante a vida, que se assemelhavam aos destas ilhas, principalmente naquilo que as ilhas têm de mais castiço e de menos contaminado. E pensávamos: esta identidade ou quase identidade de sub-jacências não pode ser deturpação de escritores, ficcionistas e poetas, aliterados; ela deve corresponder a semelhanças profundas de estrutura social, evidentemente com as correcções que outros factores, uns iniciais, outros supervenientes, exigem. (Lopes, 1956: 5-6)

*Casa Grande & Senzala*, publicada em 1933, foi também uma das obras lidas pelo referido grupo de intelectuais, que logo se interessou pela teoria da miscigenação e a adaptou/deslocou aos fins do arquipélago (cf. Silvestre, 2002: 70). Entretanto, as (enormes) expectativas criadas pelos cabo-verdianos em torno da imagem/obra do antropólogo brasileiro foram frustradas – nas palavras de Baltasar Lopes, “O Messias desiludiu-nos” (1956: 11) – sob a alegação de que este teria passado muito pouco tempo, cerca de dez dias, em apenas três ilhas (Santiago, São Vicente e Sal), sendo seus relatos sobre Cabo Verde e sua gente dotados de pouca cientificidade, mais próximos de uma literatura de viagens ou de apontamentos de um turista:

Tenho para mim que quem não conheça intimamente todas as ilhas, ou delas tenha observado apenas a epiderme urbana, [...] não pode em boa consciência dar-se ao luxo de perorar sobre o arquipélago, o seu povo e os seus problemas. Será, quando muito, pura intuição, com a luz intensa que ela concentra às vezes, mas com os perigos de generalização de simples pormenores insignificativos, ou de sumariação, inerentes a esta técnica de conhecimento. (Lopes, 1956: 8)

Na verdade, mesmo sem analisar a questão de mérito, tais expectativas podem ser tomadas como ingênuas, no caso específico da viagem de Gilberto Freyre, se apenas levarmos em consideração o fato de que o custeio da mesma foi efetuado pelo governo português: como poderia o antropólogo ter total liberdade e isenção para, contrariando o

Império (ou a Metrópole), abrir passagem a uma teoria identitária cabo-verdiana? Em tal sentido, referenda Osvaldo Silvestre (2002: 83-84):

O Gilberto Freyre que em 19 de Outubro de 1951 chega à cidade da Praia, permanecendo 10 dias no arquipélago, está já bem longe do perfil do autor incómodo que o Estado Novo nele reconhecia nas décadas de 30 e 40. A visita [...] é custeada pelo governo português, que para tal convidara expressamente o escritor brasileiro. [...] O próprio Freyre, já desde 1940, vinha expandindo o quadro de aplicação das suas teses, afirmando no volume *O mundo que o português criou*, editado nesse ano (que é o ano da Exposição do Mundo Português, pela qual mais uma vez o regime afirmara a versão imperialista do seu nacionalismo), que “Portugal, o Brasil, a África e a Índia Portuguesas, a Madeira, os Açores e Cabo Verde constituem hoje uma unidade de sentimento e de cultura”.

Independentemente da polémica que o episódio da viagem e posteriores publicações de Gilberto Freyre tenham suscitado – ensaios como os de Osvaldo Silvestre (2002: 63-103), Sérgio Neto (2009: 98-111) e Daniel A. Pereira (2011: 31-49) são paradigmáticos para quem deseja aprofundar as análises a respeito –, é certo que um processo de identificação entre Cabo Verde e Brasil vem se configurando ao longo da História, como é o caso da Confederação Brasilica (a respeito, ver Barcellos, 2003), cujo objetivo era a anexação de Cabo Verde (e, eventualmente, de Angola e Moçambique) ao Brasil por ocasião da independência deste, em 1822, fato que o tornava uma espécie de “irmão mais velho” que se tinha revoltado contra o jugo colonial.

Já no campo da agricultura, a cana sacarina, originária de Cabo Verde, teve muito boa aceitação no Brasil, do mesmo modo que o milho brasileiro se adaptou perfeitamente ao solo cabo-verdiano (cf. Pereira, 2011: 28-29). No traçado geográfico da cidade da Praia, por sua vez, encontramos a Zona do Brasil nas proximidades da Assembleia Nacional, na Achada de Santo António, e também o Mercado de Sucupira, onde são comercializados os mais diversos produtos, como alimentos, vestimentas e artesanatos, e que tem seu nome abstraído da fictícia cidade em que se ambientava a novela brasileira *O bem amado*, de Dias Gomes.

As telenovelas brasileiras são motes para vários textos literários cabo-verdianos, merecendo menção as crônicas de Fátima Bettencourt (2001; 2008), em que são citadas, por exemplo, *Rainha da sucata*, *Felicidade*, *Tenda dos milagres*, *Kananga do Japão*, *Pedra sobre pedra* e *Xica da Silva*. Já Vadinho Velhinho, na crônica “Sobre as telenovelas”, focaliza divertidas cenas decorrentes da novela brasileira *Roque Santeiro*, mas nem por isso deixa de dar o seu toque crítico a respeito do tema:

Em Cabo Verde pode-se afirmar que o único programa verdadeiramente nacional é a telenovela brasileira. As crianças vão às portas das repartições da TVEC e gritam, a plenos pulmões, que não querem desenhos animados, que em lugar destes se acrescente mais um capítulo telenovelesco. É todos os dias a mesma cena. Oxalá não saiam à rua com *slogans* os putos!

[...]

No Brasil, à hora da telenovela, com todo o mundo em arroubos, é que está havendo o maior número de roubos. Aqui, em Cabo Verde, à hora da telenovela os ladrões não saem à rua por nada deste mundo. Aliás, é nesta hora que os mais espertos vão às casas dos larápios recuperar, nas calmas, as suas coisas. (Velhinho, 2001: 11-13)

2. Na prosa literária breve cabo-verdiana<sup>1</sup>, além dos autores referidos por Baltasar Lopes na citação transcrita ao início, vários outros escritores e poetas brasileiros são invocados, dentre os quais se destacam: Alberto da Costa e Silva, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Eduardo Novaes, Carlos Giovanni, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cuti, Darcy Ribeiro, Édison Carneiro, Elisa Lucinda, Erico Veríssimo, Fernando Sabino, Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Luís Fernando Veríssimo, João Cabral de Melo Neto, João Ubaldo Ribeiro, Machado de Assis, Mário Morel, Millôr Fernandes, Paulo Coelho, Rubem Braga, Rubem Fonseca, Sérgio Porto e Vinicius de Moraes.

Também são exaltadas, na narrativa curta de Cabo Verde, inúmeras personalidades brasileiras, como, por exemplo, os desportistas Ayrton Senna, Garrincha, Jairzinho, Maguila e Pelé, os grupos musicais Chiclete com Banana e É o Tcham, os cantores Caetano Veloso, Djavan, Elis Regina, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Maria Creuza e Roberto Carlos, os apresentadores, atores e/ou modelos Adriane Galisteu, Irene Ravache, Jô Soares, José Mayer, Luciana Gimenez, Maurício Mattar, Nelson Xavier, Roberta Close e Via Negromonte, os intelectuais Anísio Teixeira, Dulce Pereira, Ítalo Moriconi, Marilene Pereira, Oscar Niemeyer e Simone Caputo Gomes, os políticos Fernando Collor de Melo, Fernando Henrique Cardoso, Itamar Franco, José Figueiredo, José Sarney, Lula e Tancredo Neves e até mesmo o traficante de drogas Fernandinho Beira-Mar.

---

<sup>1</sup> As referências foram encontradas nas obras dos seguintes autores: António Monteiro (2008), Baltasar Lopes (1987), Daniel Medina (2011), Dionísia Velhinho Rodrigues (2008), Eileen Almeida Barbosa (2007), Fátima Bettencourt (2001; 2008), Filinto Correia e Silva (2001), Gabriel Mariano (2001), Germano Almeida (1999; 2000), José Vicente Lopes (2007), Luís Romano (1991), Manuel Brito-Semedo (2009), Manuel Ferreira (1958; 1967; 1969), Osvaldo Azevedo (2007), Sabino Lino Évora (2009), Tchalé Figueira (2008; 2011), Teixeira de Sousa (1969) e Vadinho Velhinho (2011).

Quanto às localidades brasileiras encontradas na prosa breve cabo-verdiana, merecem realce as cidades de Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Gramado, Manaus, Porto Alegre, Salvador, Santos, São José dos Campos, São Paulo e, com larga vantagem, Rio de Janeiro, justamente este o cenário dos contos “O sonho do senhor JB” (2007: 61-70), de José Vicente Lopes, e “Se no céu vires uma estrela” (1993: 91-110), de João Rodrigues, que abordaremos neste artigo cujo objetivo é demonstrar como o Brasil poder ser – tal qual a experiência advinda da breve visita de Gilberto Freyre a Cabo Verde – encantador ou decepcionante na óptica dos cabo-verdianos.

3. Se pretendemos tratar da relação Brasil e Cabo Verde na obra de José Vicente Lopes, devemos começar lembrando que ele, já em seu núcleo familiar, instaurou laços com o outro lado do Atlântico: sua esposa (Marilene Pereira, também escritora) é brasileira de Minas Gerais. Além disso, o cabo-verdiano se formou em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais e publicou alguns poemas e contos que dialogam com Adélia Prado, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa e Murilo Rubião, coincidentemente (ou não), todos mineiros.

Natural do Mindelo, Ilha de São Vicente, é autor de trabalhos de fôlego como *Os bastidores da independência* (História, 2000), *Cabo Verde: as causas da independência* (ensaios, 2003), *A explicação do mundo* (entrevistas, 2004), *Tarafal-Chão Bom – memórias e verdades* (entrevistas, 2010) e *Aristides Pereira, minha vida, nossa história* (entrevistas, 2012). *A fortuna dos dias*, publicada em 2007 e sua primeira obra literária, é composta por dezoito contos, alguns anteriormente divulgados em periódicos (como *Ponto & Vírgula* e *Fragments*) ou antologias (como *Tchuba na Desert*, de 2006), e outros inéditos.

Em entrevista (ainda inédita) a nós concedida em 20 de dezembro de 2009, José Vicente Lopes afirmou a sua preferência pela escrita de contos e, eventualmente, de ensaios e poemas, pondo-se distante da elaboração de romances ao declarar:

Eu primo por uma escrita econômica, procuro evitar os excessos. O jornalismo, antes de mais, ensinou-me a lidar com a palavra, nomeadamente com a economia das palavras. Este é um exercício diário, porque para escrever uma matéria, preciso observar o espaço de páginas que tenho disponível. Isso se transfere, de alguma forma, para o exercício literário.

De fato, os contos de *A fortuna dos dias* são curtos (econômicos) e apresentam uma fina ironia ao retratar a vida cotidiana do cabo-verdiano, bem como a situação do país. O autor se vale também da oralidade e, com alguma frequência, estabelece diálogos entre narrador e leitor, aproximando-os e tornando-os cúmplices para criticar o que foge às regras do bem comum.

O conto “O sonho do senhor JB” (2007: 61-70) traz como personagem o poeta cabo-verdiano Jorge Barbosa, conhecido pelo seu apreço ao Brasil e aos brasileiros, em especial a Manuel Bandeira, fato passível de ser verificado, por exemplo, nos poemas “Você, Brasil” (1956: 57-69) e “Carta para Manuel Bandeira” (1956: 53-54), ambos aludidos ao longo da narrativa.

O tema, já prenunciado no título, é a impressionante capacidade de sonhar revelada pelo senhor JB, que, segundo o narrador, imagina-se em viagens a diversos lugares do mundo, mas tem predileção pelo Brasil, sobretudo pelo Rio de Janeiro, como se verifica no trecho a seguir:

Ve ou outra, o senhor Jorge Barbosa sonha que está no Brasil e fica radiante. Gosta particularmente do Brasil, onde, apesar de nunca lá ter posto os pés, tem inúmeros amigos, na sua maioria poetas como ele. Um dia sonhou que estava no Rio de Janeiro, na companhia do poeta e diplomata Ribeiro Couto, com quem se correspondia. Sonhou que ambos estavam numa tertúlia com Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e outros grandes poetas brasileiros. Juntos bebericavam chope, despreocupados, num bar de Copacabana, ao mesmo tempo que apreciavam as mulatas que passavam na avenida a caminho da praia. (Lopes, 2007: 64)

Metonimicamente representado pelo bar de Copacabana, o Brasil que parece transparecer no conto de José Vicente Lopes é espelho da “Pasárgada” bandeiriana<sup>2</sup>, tradução de um lugar ideal, paradisíaco, em que tudo é possível, permitido, agradável e bom. No entanto, tal conceito é transferido na íntegra para a personagem JB, isentando o autor e/ou o narrador de responsabilidade e, portanto, iniciando um processo que permite a desconfiança do leitor, reforçada no desenrolar do conto, acerca do cenário brasileiro.

Na passagem citada, o autor glosa os poemas “Carta para o Brasil” (1956: 55-56)<sup>3</sup> e “Você, Brasil” (1956: 57-69), que Jorge Barbosa dedica, respectivamente, ao antropólogo Gilberto Freyre e a Ribeiro Couto, diplomata brasileiro com quem mantinha correspondência e trocava livros. Em tais poemas, verifica-se a vontade do poeta (agora personagem) de

<sup>2</sup> Quanto ao significado de “Pasárgada”, explica Manuel Bandeira: “Quando eu tinha os meus quinze anos e traduzia na classe de grego do [Colégio] Pedro II a *Ciropédia* fiquei encantado com esse nome de uma cidadezinha fundada por Ciro [...] nas montanhas do sul da Pérsia, para lá passar os verões. A minha imaginação de adolescente começou a trabalhar, e vi Pasárgada e vivi durante alguns anos em Pasárgada. Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na minha casa da rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito na minha vida por motivo da doença, saltou-me de súbito do subconsciente esse grito estapafúrdio: «Vou-me embora pra Pasárgada!»” (Bandeira, 1954: 36).

<sup>3</sup> Este poema foi originalmente publicado no mês de novembro de 1951 – portanto, logo após a visita de Gilberto Freyre ao arquipélago – na p. 1 do n. 26 de *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*.

conhecer as cidades e as paisagens do Brasil, vivenciando a cultura deste país que considera parecido com Cabo Verde. De “Você, Brasil”, destacam-se estes versos:

Eu gosto de Você, Brasil,  
 porque Você é parecido com a minha terra.  
 [...]  
 Eu já ouvi falar das suas cidades:  
 A Maravilhosa do Rio de Janeiro,  
 São Paulo dinâmico, Pernambuco, Baía de Todos-os-Santos,  
 [...]  
 Eu desejava fazer-lhe uma visita  
 mas isso é cousa impossível.  
 Queria ver de perto as cousas espantosas que todos me contam  
 de Você,  
 assistir aos sambas nos Morros,  
 estar nessas cidadezinhas do interior  
 que Ribeiro Couto descobriu num dia de muita ternura,  
 queria deixar-me arrastar na onda da Praça Onze  
 na terça-feira do Carnaval.  
 Eu gostava de ver de perto o luar do Sertão,  
 de apertar a cintura de uma cabocla  
 — Você deixa? —  
 e rolar com ela num maxixe requebrado.  
 [...]  
 Havia então de botar uma fala  
 ao poeta Manuel Bandeira,  
 de fazer uma consulta ao Dr. Jorge de Lima  
 para ver como é que a Poesia receitava  
 este meu fígado tropical bastante cansado.

José Vicente Lopes, portanto, extrai da poesia de Jorge Barbosa indícios para a arquitetura do conto “O sonho do senhor JB” e, com sua verve jornalística e literária, cria situações bem-humoradas (algumas à beira do ridículo) para, possivelmente pela via da ironia, fazer o leitor pensar se, de fato, o Brasil pode ser visto como sinônimo de “Pasárgada”.

Um exemplo desse humor é a disputa do senhor JB com o poeta Jorge de Lima quanto às qualidades femininas das mulheres brasileiras e cabo-verdianas:

À dada altura, o senhor Jorge Barbosa e o seu confrade Jorge de Lima acabaram por se desentender quanto às virtudes da mulata brasileira e da badia do interior da ilha de Santiago. O cabo-verdiano dizia que as badias, cor de ébano, fartas de carne e olhos cor de mel, são mais bonitas e tentadoras do que as “negas fulô”, louvadas pelo seu xará brasileiro, e que estas são incapazes de rebolar como as cabo-verdianas... – e, dito isso, o senhor JB levantou-se, e pôs-se a caminhar como as badias do interior de Santiago, para espanto e deleite dos seus convivas, menos, é claro, de Jorge de Lima... E, vendo que este estava a perder a parada e a irritar-se com o seu amigo “portuga”, Ribeiro Couto teve de entrar na discussão para acalmar os dois Jorge. “Bebamos mais um chope, à nossa amizade”, sugeriu Ribeiro Couto, diplomático, ordenando de seguida ao *garçon* mais uma rodada da deliciosa cerveja para amainar o calor intenso que se fazia sentir e que deixava os cariocas à-vontade, quase nus, para a admiração do recatado senhor Jorge Barbosa, que, ainda assim, não deixava de se deliciar, de soslaio, com a beleza da mulher brasileira. O hedonista Vinicius de Moraes, para quem, em se tratando de mulher, beleza é fundamental, surpreendeu o hóspede cabo-verdiano nisso e murmurou, malicioso, para o companheiro ao lado: “Portuga safado, esse amigo do compadre Ribeiro Couto!” (Lopes, 2007: 64-65)

Na passagem citada, o contista empresta a imagem da “nega fulô” do brasileiro Jorge de Lima, autor do poema “Essa negra Fulô” (1997: 255-257), e, a partir dela, constrói a cena em que Jorge Barbosa surge como personagem hilária e gozadora, capaz até mesmo de rebolar para provocar o “amigo”. A diplomacia de Ribeiro Couto também é repercutida literariamente à medida que, em “O sonho do senhor JB”, ele tenta apaziguar o mal-estar ocasionado pela discussão oferecendo “uma rodada da deliciosa cerveja”. Outro brasileiro trazido à colação é Vinicius de Moraes, autor do poema “Receita de mulher” (1987: 194), em que podem ser lidos os versos “As muito feias que me perdoem/Mas beleza é fundamental”, e que, no conto, maliciosamente, enxerga no senhor JB um “portuga safado”.

Esta personagem, aliás, é duas vezes referida como “portuga”, o que talvez demonstre o desconhecimento dos brasileiros com relação a Cabo Verde e, implicitamente, possa ser considerado uma crítica do autor a esse desnível da relação entre os dois países, mesmo no caso de imaginarmos que o encontro narrado tenha ocorrido (ou sido sonhado pelo senhor JB) antes de 05 de julho de 1975, data da independência cabo-verdiana.

Finalmente, dada a simpatia de Jorge Barbosa por Manuel Bandeira e sua obra, José Vicente Lopes dedica um parágrafo inteiro ao autor pernambucano:



É curioso que nesse sonho Manuel Bandeira, de cuja poesia o senhor Jorge Barbosa é admirador confesso, mostrou-se silencioso e distante o tempo todo, parecia até que estava em Samarkanda ou, melhor, em Pasárgada, onde, é suposto, todo o mundo é amigo do rei, cada homem tem a mulher que quer na cama que escolher... Solidário com todos os poetas sofredores do mundo, o vate cabo-verdiano sentiu piedade e ao mesmo tempo uma imensa ternura por Bandeira, a quem gostava de tratar por “meu irmão atlântico”, e prometeu a si próprio procurar a Estrela da Manhã para oferecê-la ao colega brasileiro, que era tísico, dono de um olhar triste e desamparado, cujo rosto era o sofrimento em pessoa. “Tu me preocupas, Manuel Bandeira, meu irmão atlântico”, chegou a dizer-lhe, da última vez que se cruzaram num sonho.

No citado trecho do conto, são claras as referências aos poemas “Vou-me embora pra Pasárgada” (2000: 66-67), que tem alguns de seus versos parafraseados, e “Estrela da Manhã” (2000: 73-74). Além disso, há remissão ao poema “Carta para Manuel Bandeira” (1956: 53-54), do próprio Jorge Barbosa, o senhor JB da narrativa, de que valem ser lidos os seguintes versos:

Nem te conheço  
mas já vi o teu retrato numa revista ilustrada.  
E a impressão do teu olhar vagamente triste  
fez-me pensar nessa tristeza  
do tempo em que eras moço num sanatório da Suíça.

Aqui onde estou, no outro lado do mesmo mar,  
tu me preocupas, Manuel Bandeira,  
meu irmão atlântico.

Eu faria por ti qualquer coisa impossível.  
Era capaz de procurar a Estrela da Manhã  
por todos os cabarés  
por todos os prostíbulos.  
E eu ta levaria  
pura ou degradada até à última baixaza.

Publicado primeiramente em janeiro de 1947, no número 4 da revista *Clareza*, e, posteriormente, com ligeiras modificações, na obra *Caderno de um ilhéu*, em 1956, este poema comprova a afinidade do “vate cabo-verdiano” com a poesia e a figura de Manuel Bandeira.

José Vicente Lopes, portanto, tendo em vista a noção de intertextualidade, faz valer uma boa pitada de bom humor e do toque jornalístico que é característico de sua produção literária, congregando as literaturas cabo-verdiana e brasileira ao escrever o referido conto e permitindo ao leitor a escolha de como deve “pintar” o Brasil: se com o entusiasmo de Jorge Barbosa ou se com alguma dose de desconfiança.

4. O conto “Se no céu vires uma estrela”, de João Rodrigues, está inserido na obra *Monte Verde-Cara*, cuja primeira edição se deu em 1974. Cabo-verdiano da Ilha de São Vicente, tem também publicadas as novelas *O casamento de Joaquim Dadana* (1979) e *Casas e casinhotos* (1981), o volume de contos *Caminhos agrestes* (1984) e, em poesia, *O jardim dos rubros cardeais* (1986), *Pérolas do sertão* (1986) e *Maré cheia* (2009). Além disso, tem colaborações em vários periódicos cabo-verdianos, como *O Arquipélago*, *Diário de Notícias*, *Voz di Povo*, *Terra Nova e Tribuna*, *Presença Cabo-verdiana*, *Nôs Vida*, *Morabeza*, *Raizes*, *Emigrason* e *Ponto & Vírgula*. Participou das antologias *Jogos Florais 12 de Setembro/76*, *Contravento* e *Mirabilis de veias ao sol*.

Embora a sua produção poética seja considerável, João Rodrigues confessa, em entrevista concedida ao jornal *A Semana* de 9 de maio de 2009, data do lançamento de sua mais recente obra: “Escrever poesia é para mim quase uma exceção à regra. Acho que tenho mais jeito para a prosa”. Em sua maioria, os contos deste autor cabo-verdiano são curtos, apresentam linguagem simples e, no enredo, abordam cenas do cotidiano ilhéu, sobretudo de São Vicente.

“Se no céu vires uma estrela” é um dos contos mais extensos de João Rodrigues e seu enredo envolve uma história de amor entre a menina Djéna e Lilinha, um talentoso tocador de violão sem emprego fixo que, diante da gravidez inesperada da namorada, emenda-se em trabalhador e assume exemplarmente a família. Com o nascimento do segundo filho – uma menina – e o aumento das despesas, o rapaz resolve emigrar para o Brasil, o que ocorre a contragosto de Djéna, e sob a promessa de mandar buscá-la e aos filhos assim que possível.

O Brasil, então, configura-se como a terra prometida, a Pasárgada, na visão de um pai de família “em busca de melhor vida”. Na despedida, lega a seu garoto, Pidrim, o violão e diz que mandará presentes: uma boneca grande para a filha e um chapéu brasileiro de palha para o filho, que, com ele à cabeça, pegará no violão e cantará “um samba à mamãe e à mana” e, depois, fará uma “serenata, à brasileira” à avó. À Djéna, na véspera do embarque, cantou a morna “Si na céu bô odjâ um stréla”, que empresta título ao conto – “Se no céu vires uma estrela” – e traduz uma ideia de sonho e de ideal a conquistar, mas também já insinua algo distante e até mesmo uma tragédia.

De fato, é o que o desenrolar do conto mostrará. Um mês depois do embarque, Lilinha envia uma carta do Brasil em que relata:

Rio de Janeiro é bonito, mas estou a morrer de saudades de vocês. Sim, Djéna, não há dúvida de que Rio é um verdadeiro mundo, comparado com a pequenez de São Vicente. Há casas grandes, tão grandes que o nosso Monte Verde, ao pé delas, pareceria um cavanhóte. Ainda não encontrei trabalho, mas um amigo cabo-verdiano, que aqui conheci, prometeu ajudar-me.

Mas paciência já está a faltar-me. Creio que não é bem isso. Que é saudade de ti, de Pidrim, de Zepinha, enfim, de todos.

Observemos que Lilinha, ainda desempregado, mostra-se saudoso e sem paciência, de modo que a exaltação da beleza da cidade não é a tônica nem mesmo na primeira carta, como seria natural se tudo estivesse a correr bem. Pelo contrário: o Rio de Janeiro é retratado como esmagador, assustadoramente gigantesco em relação a São Vicente. Além disso, parece haver aí também um sentimento de inferioridade, à medida que a personagem compara as habitações: no Rio, “há casas grandes, tão grandes que o nosso Monte Verde, ao pé delas, pareceria um cavanhóte”, ou seja, um gafanhoto. O pronome possessivo “nosso”, entretanto, ao confirmar a pequenez, revela-se ambíguo e funciona como índice de ternura, pois aproxima Lilinha da sua terra e da sua gente, ambas valorizadas, queridas.

Ao receber a carta, Djéna, que nunca fora favorável à emigração do marido, pede-lhe que largue tudo e regresse “à sua terra” e, dois meses depois, do Brasil chega

outra carta, na qual Lilinha lhe dizia que o amigo cabo-verdiano conseguira arranjar-lhe trabalho naquela fábrica. Que o ganho era pouco mas que, em poucos meses, contava economizar o dinheiro necessário para a passagem de regresso a Cabo Verde. Contava regressar tão depressa conseguisse, porque não tinha gostado do Brasil.

Nessa altura do conto, a imagem do Brasil é realmente diversa da Pasárgada pintada por Manuel Bandeira e sonhada por Jorge Barbosa: a saudade, a distância e a falta de identidade engolem as idealizações de Lilinha e, com a mais fria e rude crueza, acenam para a realidade do cotidiano difícil e do dinheiro minguado. Sua Pasárgada, agora, fica em São Vicente, mais especificamente no “Monte Verde”. É a companhia da família o que mais ambiciona. É para isso que precisa lutar.

Trata-se, porém, de uma batalha perdida. Seis meses depois, Djéna recebe outra carta do Brasil (e cartas do Brasil, desde a primeira, são prenúncios de más notícias), mas dessa vez reveladora de uma tragédia que, de fato, alteraria sua vida e de seus filhos para sempre:

Comunicava a morte do Lilinha... Rezava que ele tinha sido assassinado. Tivera uma discussão com um brasileiro, e este ofendera-o na expressão. Lilinha era sossegado, mas, quando o ofendiam,

perdia a cabeça. Por isso dera um soco ao brasileiro, derrubando-o. Este, em resposta, sacara de um punhal que espetara no peito do Lilinha. Levaram-no logo para o hospital aonde chegara já sem vida.

O país que um dia foi a expectativa de um futuro para a família se transformou em completa desilusão. A imagem da Pasárgada, que já estava trincada, com a morte de Lilinha foi esmigalhada, reduzida a ruínas. O Brasil, neste conto de João Rodrigues, não é sinônimo de êxito, nem de bonança, muito menos de alegria, é antes um punhal espetado no peito, símbolo da MORTE grafada em maiúsculas porque dolorida para além do físico: morre-se de alma quando se perde a esperança.

5. As imagens do Brasil repercutidas na literatura cabo-verdiana durante muito tempo (há registro datado desde 1895, com a publicação do poema “Pelo Rabil”, de Pedro António d’Oliveira, no *Almanach luso-africano*) parecem sofrer, pouco a pouco, transformações: a Pasárgada já não é tão edênica, o ingênuo se volta para a realidade. É o que podemos observar tanto em “O sonho do senhor JB”, pela via do humor e da ironia, quanto em “Se no céu vires uma estrela”, pelo enfrentamento frontal da decepção. São as dores do crescimento. Com elas somadas ao tempo, vem a lucidez de (re)conhecer o Outro e, por consequência, a ciência das próprias especificidades, num processo que culmina com assunção de uma identidade cabo-verdiana.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Germano (1999). *Estórias contadas*. Mindelo: Ilhéu Editora.  
 (2000). *Estórias de dentro de casa*. Mindelo: Ilhéu.
- AZEVEDO, Osvaldo (2007). *Retorno à Vila do Vale*. Praia: Edições Artiletra.
- BANDEIRA, Manuel (1954). *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras.  
 (2000). *Libertinagem & Estrela da Manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BARBOSA, Eileen Almeida (2007). *Eileenístico: contos e crônicas*. [S.l.]: Edição da Autora.
- BARBOSA, Jorge (1956). *Caderno de um ilhéu*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- BARCELLOS, Christiano José de Sena (2003). *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*. Vol. II, parte III. 2ª edição. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- BETTENCOURT, Fátima (2001). *Um certo olhar...* Praia: Instituto da Biblioteca Nacional.  
 (2008). *Lugar de suor, pão e alegria (crônicas)*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- BRITO-SEMEDO, Manuel (2009). *Na esquina do tempo: crônicas de diazã*. Praia: Edição do Autor.
- ÉVORA, Sabino Lino (2009). *Lombianinho*. Mindelo: Edição do Autor.  
 (1958). *Morabeza: contos de Cabo Verde*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar.  
 (1967). *Morna: contos de Cabo Verde*. 2ª ed. Lisboa: Início.  
 (1969). “Os mandongues de Pudjinho Sena”. In CÉSAR, Amândio. *Contos portugueses do ultramar*. Porto: Portucalense, 89-100.
- FIGUEIRA, Tchalê. In FONTES, Francisco (org.) (2008). *Destino de bai: antologia de poesia inédita cabo-verdiana*. Coimbra: Saúde em Português.

- (2011). *Contos de Basileia*. Praia: Dada.
- FREYRE, Gilberto (1954). *Aventura e rotina*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.
- (1954). *Um brasileiro em terras portuguesas*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.
- LIMA, Jorge de (1997). *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- LOPES, Baltasar (1956). *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: apontamentos lidos ao microfone de Rádio Barlavento*. Praia: Imprensa Nacional.
- (1987). *Os trabalhos e os dias*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro.
- LOPES, José Vicente (2007). *A fortuna dos dias*. Praia: Spleen Edições.
- MARIANO, Gabriel (2001). *Vida e morte de João Cabafume*. 2ª ed. Lisboa: Vega.
- MEDINA, Daniel (2011). *Crónicas que a vida conta: pensem nisso!*. Mindelo: Edição do Autor.
- MONTEIRO, António (2008). *Primeira antologia pessoal*. [S.l.]: Edição do Autor.
- MORAES, Vinicius de (1987). *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- NETO, Sérgio (2009). *Colónia martir colónia modelo: Cabo Verde no pensamento ultramarino português (1925-1965)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PEREIRA, Daniel A. (2011). *Das relações históricas Cabo Verde/Brasil*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.
- RODRIGUES, Dionísia Velinho (2008). *Na minha terra também se ama*. Praia: Artilheira.
- RODRIGUES, João. *Monte Verde-Cara* (1993). 2ª ed. Mindelo: Edição do Autor.
- ROMANO, Luís (1991). *Ilha: contos lusoverdianos de temática EuropÁfrica + BrasilAmérica*. Mindelo: Ilhéu.
- SILVA, Filinto Correia e (2001). *Prato do dia*. Brockton: Visão International Inc.
- SILVESTRE, Osvaldo (2002). "A *Aventura Crioula* revisitada: versões do *Atlântico Negro* em Gilberto Freyre, Baltasar Lopes e Manuel Ferreira". In BUESCU, Helena Carvalhão; SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *Literatura e viagens pós-coloniais*. Lisboa: Edições Colibri.
- SOUSA, Teixeira de (1969). "Calmaria". In CÉSAR, Amândio. *Contos portugueses do ultramar*. Porto: Portucalense, 127-141.
- VELHINHO, Vadinho (2011). *No ponto de rebuçado*. Praia: Artilheira.

## RESUMO

Neste artigo, com base nos contos "O sonho do senhor JB" (2007: 61-70), de José Vicente Lopes, e "Se no céu vires uma estrela" (1993: 91-110), de João Rodrigues, procuramos demonstrar como a imagem do Brasil pode ser encantadora ou decepcionante na óptica dos cabo-verdianos.

## ABSTRACT

In this article, based on the short stories "O sonho do senhor JB" (2007: 61-70), written by José Vicente Lopes, and "Se no céu vires uma estrela" (1993: 91-110), by João Rodrigues, we seek to demonstrate how the image of Brazil can be charming or disappointing under Cape Verdean's optic.